

Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Palestra 16

Apocalipse 11 O Templo e Duas Testemunhas

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu ensino sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 16 sobre Apocalipse 11, o Templo e as Duas Testemunhas.

Em Apocalipse 11, dissemos que há duas imagens diferentes que o autor utiliza, e a questão é o que essas imagens retratam e a que se referem e também a relação entre as duas imagens.

A primeira que introduzimos foi a imagem de um templo e de um templo que João é instruído a medir nos dois primeiros versículos do capítulo 11. E então grande parte do resto do capítulo 11 é dominado por um relato de duas testemunhas que saem e testemunha, e no final do dia, uma besta surge do abismo, os mata, e depois disso, eles são ressuscitados e justificados. O capítulo 11 termina com a sétima trombeta finalmente sendo tocada, que foi interrompida da sexta trombeta no capítulo 9. Agora, o que quero fazer é observar essas duas imagens com um pouco mais de detalhes.

Em Apocalipse 11, versículos 1 e 2, somos apresentados à primeira imagem, que é a imagem ou símbolo de um templo. Mais uma vez, a primeira questão a considerar é perguntar o que isto pode significar, o que não é uma questão, mas o primeiro princípio a concretizar. O ponto de partida é perceber que isso provavelmente simboliza algo que vimos repetidas vezes, como é o caso do livro do Apocalipse.

Então a questão é: o que este templo simboliza? O que isso está indicando? Está se referindo a um templo real ou a algum tipo de estrutura física ou o quê? Houve uma série de opções para entender isso. O ponto de partida é perceber que João provavelmente está se baseando no contexto do Antigo Testamento ao imaginar a medição de um templo. Por exemplo, Ezequiel capítulos 40 a 48, que é um texto importante que influenciará a visão do próprio João mais tarde em Apocalipse 21 e 22, onde João tem uma visão do novo templo de Jerusalém.

A imagem do templo é aplicada à cidade de Jerusalém, como veremos, e essa cidade é medida. Isso tem seu ímpeto e influência desde Ezequiel 40 até 48, onde o autor ou o vidente Ezequiel é levado em um passeio e ele realmente vê o templo ser medido. E então isso caberia aqui, onde João agora é lido e instruído a medir o templo de Deus.

O outro texto que provavelmente influencia o que acontece aqui é Zacarias capítulo 2, 1 a 5, onde Zacarias também faz uma leitura de medição e é instruído a medir Jerusalém. Portanto, as imagens de João aqui se baseiam em material apocalíptico

de tipo visionário de Ezequiel, de Zacarias 2, e agora João é instruído a medir este templo. Então a questão é: o que é esse templo? Houve uma série de sugestões e, como acontece com outras questões de interpretação do Apocalipse, não quero examinar todas elas.

Mas, antes de tudo, uma opção comum tem sido que esta é uma referência a um templo literalmente reconstruído do fim dos tempos, muitas vezes associado àquela visão do Apocalipse que vê os capítulos 4 a 22, a totalidade dele ainda no futuro, referindo-se a um fim futuro. cenário de tempo que ocorre logo antes, bem no final da história, que leva até e depois inclui os eventos que cercam a segunda vinda de Jesus Cristo. Parte disso seria ler o capítulo 11, que prediz um templo real reconstruído em cumprimento de textos como Ezequiel 40 a 48. Outro entendimento comum disso é que se refere ao templo, o templo literal no primeiro século que foi mais tarde destruído em 70 DC.

Portanto, esta visão está associada a uma visão do Apocalipse onde quase todo o Apocalipse nos capítulos 4 a 22, todos os eventos descrevem o que já estava acontecendo no primeiro século, apenas a visão do primeiro século conhecida como visão preterista. Conversamos um pouco sobre isso anteriormente. E assim o templo aqui que está sendo descrito é na verdade o templo físico literal que existia no primeiro século DC antes de ser destruído em 70 DC.

E essa visão está associada a uma visão do Apocalipse que foi escrita por volta de meados dos anos 60 DC. Outra visão do templo aqui é considerada de forma mais figurativa; isto é, o templo aqui simboliza o povo de Deus, mas ainda é uma referência a um futuro templo que é o futuro povo de Deus, tomando a imagem do templo figurativamente ou simbolicamente referindo-se ao próprio povo de Deus. Outra visão, a quarta visão que eu subscrevo, é que o templo aqui é de fato uma metáfora para a igreja, o povo de Deus, mas provavelmente não se referindo apenas ao primeiro século DC, não se referindo exclusivamente a um futuro templo, mas provavelmente simplesmente refere-se à igreja em sua existência a partir do primeiro século DC, mas à igreja em sua existência até a segunda vinda de Cristo ou até que Cristo volte para consumir a história, que é o que acontece no sétimo selo mais tarde no capítulo 11.

Portanto, considero o templo aqui como uma metáfora do povo de Deus, ou seja, ao longo de Apocalipse, seria o povo de Deus, o novo povo de Deus, a igreja composta por judeus e gentios. Em outras palavras, vimos repetidamente que João frequentemente usava imagens do Antigo Testamento referindo-se a Israel e agora as aplicava ao novo povo de Deus, a igreja. Em outras partes do Novo Testamento, vimos que os autores do Novo Testamento podem pegar imagens do templo do Antigo Testamento e agora aplicá-las ao novo povo de Deus.

Assim, Paulo, por exemplo, pode dizer que a igreja existe, e pode dirigir-se aos seus leitores em 1 Coríntios 3, como vocês são o templo. Você não sabe que você é o templo de Deus? Em Efésios capítulo 2, nos versículos 20 e 22, ele descreve a igreja como um templo construído sobre os fundamentos dos apóstolos e profetas, sendo Jesus a pedra angular do templo, e o templo está crescendo para se tornar uma habitação santa onde Deus vive. seu Espírito Santo usando a linguagem do templo do Antigo Testamento. E mesmo no capítulo 3, versículo 12 de Apocalipse, a uma das igrejas, João promete que se vencerem, se tornarão uma coluna no templo de Deus. Assim, não apenas no Novo Testamento, mas até mesmo em Apocalipse, João tomou as imagens do templo e as imagens do templo físico do Antigo Testamento e agora encontra-as cumpridas na igreja ou no próprio povo de Deus.

Portanto, entendo que o templo aqui no capítulo 11, versículos um e dois, não está se referindo a um templo literal, seja no primeiro século, o templo que estaria de pé, ou se referindo a algum templo literalmente reconstruído no futuro, mas, em vez disso, deve ser entendido simbolicamente como uma referência ao povo de Deus como o templo, como a morada de Deus. E aqui provavelmente se refere ao povo de Deus como um templo em sua existência começando no primeiro século, referindo-se aos próprios leitores de João, mas conduzindo a todo o período de tempo, conduzindo à segunda vinda de Cristo, sempre que ele chega a consumir a história. Curiosamente, isso não é novidade para John.

Por exemplo, a comunidade de Qumran e os Manuscritos do Mar Morto muitas vezes pegaram imagens temporais do Antigo Testamento e aplicaram-nas à sua própria comunidade. Eles viam sua própria comunidade como o templo de Deus. Eles viam seus próprios membros como pedras de construção do templo.

No entanto, a principal diferença era que a comunidade de Qumran parecia ver a si mesma; aquela comunidade perto do Mar Morto parecia se ver como o templo de Deus porque pensava que o templo de Jerusalém era apóstata e mau e não era o verdadeiro templo. Mas mesmo a comunidade de Qumran ainda antecipava uma futura reconstrução do templo algum dia. Onde João parece sugerir que a razão pela qual a comunidade é o templo de Deus é porque o próprio Jesus Cristo é o verdadeiro templo.

Jesus Cristo é o verdadeiro cumprimento do templo de Deus e, portanto, aqueles que pertencem a Cristo também constituem o templo. E assim veremos quando chegarmos ao capítulo 21, João não vê um templo, não porque ele pensasse que o original era mau, mas João não vê um templo físico na Nova Jerusalém porque o próprio Cordeiro é o templo e todo o povo de Deus também é o templo. Então agora João vê o povo de Deus como um templo, e ele é instruído a medi-lo, mas, curiosamente, aqui ele é instruído a medir apenas parte do templo.

A parte que ele chama de átrio, átrio exterior, não será medida e, em vez disso, será entregue aos gentios para serem pisoteados por um período de 42 meses. E a questão é: do que se trata essa medição? Por que ele foi instruído a medir o templo? E depois, em segundo lugar, por que parte do templo não é medida e jogada aos gentios para ser pisoteada durante 42 meses? Em primeiro lugar, o acto de medir aqui parece sugerir e implicar propriedade e protecção. Então o fato é muito parecido com o que se encontra em Zacarias capítulo 2, por exemplo, o ato de medir.

Assim, a medição do templo, o templo que simboliza o povo de Deus, sugere a protecção e a preservação do povo de Deus. Durante isso, tudo o que está acontecendo nesses selos e nessas trombetas é que agora o povo de Deus está protegido e preservado. Observe que ele também mede não apenas o templo, mas também o altar e aqueles que nele adoram.

Provavelmente, não deveríamos interpretar isso tão literalmente, como se houvesse três coisas diferentes. Há um templo, e depois há um altar, e então as pessoas que adoram nele, ou que estes são três tipos diferentes de crentes ou pessoas dentro da igreja. Mas, novamente, o autor está simplesmente usando descrições detalhadas do templo e do altar e daqueles que neles adoram.

No conjunto, isso não pretende retratar elementos distintos dentro do templo, mas em conjunto, simboliza o povo de Deus como um templo que agora é medido, significando sua preservação e sua protecção. Agora a questão é: por que o pátio do altar do templo está excluído? Aparentemente não é medido e protegido, mas agora é jogado fora e sujeito às nações e para ser pisoteado. Duas explicações possíveis.

Uma delas é que o pátio do altar que não é medido pretende simbolizar os membros infiéis da igreja. Lembre-se, nos capítulos dois e três, apenas duas das igrejas eram fiéis e sofriam perseguição por causa disso. A maioria das igrejas estava tão empenhada em transigir e uma igreja foi tão complacente que muitas delas receberam uma avaliação muito negativa.

Algumas igrejas tinham alguns que eram fiéis, mas outros que não o eram e que toleravam professores que diziam que não havia problema em fazer concessões. Assim, uma possibilidade é que a parte do templo que é medida e protegida sejam as igrejas fiéis do capítulo dois e os membros fiéis das igrejas dos capítulos dois e três. A parte do templo que é jogada fora representaria os infiéis e os membros transigentes das igrejas.

Uma outra possibilidade que acho que pode se encaixar um pouco melhor com o que vemos no restante do capítulo 11 e com o que vimos até agora é que esta medição de parte do templo, mas excluindo o pátio do altar, sugeriria que este é a igreja vista de duas perspectivas diferentes. Essa é a medida do templo, o coração do templo, o Santo dos Santos e a morada de Deus, onde está o altar. Isto indica que a igreja é

protegida espiritualmente, mantida e preservada por Deus enquanto ainda está sujeita à perseguição nas nações e nas mãos do Império Romano.

Então, o fato de parte do templo ser preservada e protegida indica a igreja como ela é preservada e protegida espiritualmente por Deus, mas o fato de parte dela ser jogada fora para ser pisoteada seria olhar para a igreja na perspectiva de que ela ainda serão perseguidos. Ainda estará sujeito a sofrimento e perseguição às mãos da nação e às mãos do Império Romano, alguns deles até ao ponto da morte.

Novamente, na minha opinião, isso faz sentido à luz do restante do Apocalipse, onde os santos são retratados.

Por exemplo, no capítulo 7, eles são retratados como selados e protegidos por Deus, mas ainda assim são perseguidos. Nos capítulos 12 e 13 a seguir, veremos a mesma imagem da igreja sendo protegida, mas ainda sujeita à perseguição nas mãos de Satanás, nas mãos da besta e nas mãos do Império Romano. Agora, o período de tempo durante o qual a igreja pode sofrer perseguição, simbolizada novamente talvez pelo átrio exterior não ser medido e estar sujeito ao pisoteio das nações, é um período de 42 meses.

Se você fizer as contas, perceberá que 42 meses é outra maneira de dizer três anos e meio, aquele tempo, tempos e metade de um tempo que sai do livro de Daniel que você encontra em Apocalipse capítulo 12 e versículo 14. Você encontra essa linguagem de tempo, tempos e metade de um tempo em Daniel, por exemplo, capítulo 7 e versículo 25, capítulo 9 e versículo 27, e capítulo 12 e versículo 7 de Daniel. E você pode procurar esses textos por conta própria, mas é provavelmente aí que João tira a noção dos três anos e meio ou, literalmente, tempo, tempos, e depois meio tempo, três anos e meio.

Esperamos que agora você já tenha percebido que esses 42 meses, assim como os outros números que vimos em Apocalipse e outras designações temporais, não devem ser interpretados com estrita literalidade. Não é um período literal que deve ser contado em um calendário para que você possa marcar cada dia até chegar exatamente a 42 meses. E como dissemos, 42 meses equivalem a aproximadamente três anos e meio.

Em vez disso, novamente, o uso do número 42 pelo autor não pretende ser literal, mas sim indicar e interpretar o caráter e o significado do tempo durante o qual a igreja sofrerá perseguição. E sugiro a você que veremos em um momento que provavelmente os 42 meses se destinam a abranger toda a existência da igreja. Assim, já no primeiro século, as igrejas deveriam compreender-se neste período de 42 meses.

Mas a ideia não é que depois de 42 meses eles acabem. Mas os 42 meses, não literalmente, mas simbolicamente como os outros números, destinam-se a

interpretar, explicar e descrever o caráter da existência da igreja até que Cristo volte. Agora, onde John conseguiu o número 40? O número 40 desempenha um papel fundamental no Antigo Testamento.

Por exemplo, o ministério de Elias. E mais tarde veremos que no restante do capítulo 11, Elias parece desempenhar um papel como a identidade de uma das duas testemunhas. Assim, por exemplo, o ministério de Elias em 1 Reis 17 e 18, especialmente mais tarde no Novo Testamento.

Leia Tiago 5.17, por exemplo, onde Elias é visto como tendo três anos e meio. Mas também em Números 33, descobrimos que a peregrinação de Israel no deserto ocorreu em 40 acampamentos em Números 33. Isso sugeriria então que 40 indicaria a ideia tanto de julgamento como de teste.

Assim, 42 meses indicariam que a igreja está agora sendo testada. Chegou um momento de testes. Mas no capítulo 12, versículo 14 de Apocalipse, veremos também que o número 40 também sugere preservação.

Portanto, o que o número 42 está dizendo é relembrando especialmente os textos do Antigo Testamento, e a forma como Apocalipse o usa é 42, então, em vez de ser uma designação de um período literal de tempo, pretende interpretar o caráter da existência da igreja como um dos preservação, mas também de teste e até de julgamento sobre o povo de Deus. Assim, João nos disse, através desta imagem da medição do templo, algo sobre a natureza da existência da igreja. Como templo de Deus, como morada de Deus, como lugar onde Deus habita com o seu povo, como templo no mundo, a igreja será preservada.

No entanto, ao mesmo tempo, sofrerá às mãos de Roma e às mãos do mundo através da perseguição. Assim, o caráter da existência da igreja é um tempo de preservação, mas também de prova e sofrimento. A próxima imagem, começando no versículo 3, é a próxima imagem que João utiliza, então são duas testemunhas.

E queremos novamente fazer a pergunta: quem são estas duas testemunhas? E o que é que eles fazem? E quando eles fazem isso? Primeiro de tudo, no versículo 3, lemos que eles testemunham durante 1.260 dias. Isto é provavelmente baseado ou uma versão dos 1290 dias de Daniel no capítulo 12, versículo 11 de Daniel. E então o número 1260 de João pode refletir uma tradução mais geral de 30 meses, na verdade meses de 30 dias.

Mas 1.260 dias novamente equivalem aproximadamente a 42 meses ou três anos e meio. Então João usa esses números, eu acho, de forma intercambiável, três anos e meio, 42 meses ou 1.260 dias, dependendo do que ele quer dizer ou dependendo de como ele quer caracterizar o período de existência da igreja. Por outras palavras,

penso que os 1260 dias, os 42 meses e os três anos e meio são formas simbólicas de se referirem exactamente ao mesmo período de tempo.

A existência da igreja começou no primeiro século e durou até a segunda vinda de Cristo. E, claro, John não tinha a menor ideia de que isso continuaria por 2.000 anos. Ele simplesmente entende a existência da igreja como uma existência de teste e preservação até que Cristo volte.

Agora, na minha opinião, não há indicação de que João pretenda que somemos qualquer um desses números para chegar a um período de sete anos de tribulação. Em algumas construções teológicas do livro do Apocalipse, ou em alguns setores teológicos, o Apocalipse é lido como retratando um período de tribulação de sete anos. Isso chegou ao primeiro lugar, conectando-se com Daniel até suas 70 semanas.

E não quero entrar em tudo isso. A discussão de Daniel sobre as 70 semanas no capítulo nove, creio eu. Mas também somando dois destes períodos de três anos e meio ou 42 meses ou 1260 dias, chega-se a sete anos ou uma tribulação de sete anos.

Mas, novamente, não vejo nenhuma evidência em lugar nenhum de que João pretenda adicionar qualquer um desses períodos de tempo para chegar a um período de sete anos. Em vez disso, João simplesmente usa períodos de tempo diferentes ou vai e volta entre 42 meses, três anos e meio e 1.260 dias para descrever o mesmo período de tempo. Por outras palavras, dissemos que o período de tempo é a existência da igreja que começa no primeiro século e continua até ao regresso de Jesus Cristo para lhe pôr fim, o que encontraremos no selo número sete.

Mas dependendo do que João quer dizer, e como ele quer retratar a luta da igreja e a sua existência, João pode usar estes diferentes números. Por exemplo, todos eles devem ser considerados simbolicamente. Então, a questão é: qual é o significado retratado pelo uso desses símbolos? Então João pode descrever o período de existência da igreja como três anos e meio, três anos e meio sugerindo algo que é intenso, algo que indica a perseguição e o sofrimento da igreja, mas não vai durar.

Três anos e meio é metade de sete, sendo sete o número da perfeição e da completude. Três e meio fica muito aquém disso. Portanto, três anos e meio sugeririam que a igreja enfrentará uma jornada difícil, por assim dizer.

É um momento de provação. É uma perseguição intensa, mas será interrompida. Não vai durar.

E você pensa sobre isso, a ideia de tempo, tempos e meio tempo. O tempo, e depois aumenta para vezes, mas assim que as coisas vão acontecendo, então apenas

metade do tempo, o tempo é cortado. Então, a ideia é que a existência da igreja será de intensa perseguição, mas não durará.

Será cortado e ficará aquém do número perfeito sete. Ao usar o termo 42 meses, João pode retratar a existência da igreja à luz do contexto do Antigo Testamento como um tempo de teste, mas também um tempo de proteção, como foi para Israel no deserto. Ao usar 1.260 dias, o autor pode recordar o período de provação que o próprio Daniel antecipou e agora sugere que a igreja entrou nesse período e que novamente está cumprindo o que Daniel estava profetizando.

Então, quando ocorre esse evento, ou quando é esse período de 42 meses ou 1.260 dias, ou três anos e meio? Estas são simplesmente maneiras diferentes de descrever simbolicamente o caráter de todo o período da igreja. Novamente, da nossa perspectiva, olhamos para isso 2.000 anos depois, mas João estava mais interessado em descrever o caráter da luta da igreja e sua existência que levaria à segunda vinda de Cristo sempre que ela ocorresse. Quando olhamos para Apocalipse, porém, acho que veremos que João sugere que este período de tribulação, este período de três anos e meio, 42 meses e 1.260 dias, começa com a morte de Jesus Cristo.

O próprio sofrimento de Jesus Cristo e seu testemunho fiel até a morte foram o início deste período de tribulação. E agora a igreja, agora os seus seguidores, participam do mesmo testemunho fiel diante do sofrimento e da morte. Na verdade, para ir além disso, se quisermos ser convencidos de que isso caracteriza o resto da história da igreja, basta pegar algo como, digamos, o Livro dos Mártires de Fox e uma série de outras descrições do que acontece em a igreja nos países do terceiro mundo, etc., para ver até que ponto os cristãos continuam a sofrer e até a ser perseguidos pela sua fé.

Algo que abre os olhos para aqueles de nós que vivem em lugares onde ainda desfrutamos de uma quantidade considerável de liberdade religiosa, sem nos preocuparmos em ter que sacrificar as nossas vidas por isso. Agora, no capítulo 11, começando com o versículo três, este período de 42 meses ou 1.260 dias ou três anos e meio agora pretende descrever o tempo dessas duas testemunhas. No resto do capítulo dois, dissemos que as duas testemunhas e as suas carreiras, por assim dizer, tiveram duas fases durante este período de tempo.

A primeira parte é que as duas testemunhas saiam e se envolvam em testemunhar no mundo. E parecem fazê-lo com considerável sucesso. E com isso quero dizer que eles fazem isso sem parecer sofrer qualquer dano ou oposição.

Na verdade, o texto nos diz que quem tentar prejudicá-los sofrerá graves consequências. Então, aparentemente, a igreja está autorizada a atuar, ou estas duas testemunhas estão autorizadas a prestar o seu testemunho. No entanto, no final do dia, veremos isso começando no versículo sete.

Diz que agora, quando terminarem o testemunho, uma besta poderá sair do abismo e matá-los. Então, de três a seis, eles parecem ser invencíveis. E começando no versículo sete, de repente eles parecem vulneráveis.

Uma fera sai do abismo, mata-os, e todo o mundo basicamente dá uma festa porque estão felizes porque essas duas testemunhas foram condenadas à morte. Então, quero perguntar: como explicamos o que parece estar acontecendo no capítulo 11 com a aparente invencibilidade, mas depois com a vulnerabilidade dessas duas testemunhas? E novamente, quem são essas duas testemunhas? O que quero começar é quem são as identidades dessas duas testemunhas. Quem são eles? Agora, o ponto de partida é perceber que sejam elas quais forem ou quem sejam essas testemunhas, elas devem ser tomadas simbolicamente, como vimos com todas as outras imagens. Isto é, embora as duas testemunhas possam referir-se a dois indivíduos reais, não têm necessariamente de se referir a apenas duas testemunhas.

Poderiam referir-se a muito mais, da mesma forma que nos nossos cartoons políticos, o Tio Sam, por exemplo, e este pode não ser o melhor exemplo, mas o Tio Sam representa todo o governo, representa um grupo inteiro de pessoas, não um pessoa solitária. Da mesma forma, estas duas testemunhas poderiam representar mais do que apenas duas pessoas. As duas testemunhas provavelmente têm sua origem nas figuras de Moisés e Elias, no Antigo Testamento, e em grande parte da apocalíptica judaica, há alguma expectativa de que Moisés e Enoque, por exemplo, retornem.

Há a expectativa de que Moisés e Elias retornem. Parte disso parece mentir; a expectativa do retorno de Elias parece estar por trás não apenas de alguns textos do Antigo Testamento, mas também da compreensão de João Batista nos Evangelhos. Então, a expectativa de um profeta como Moisés surgirá, a expectativa da vinda de Elias, e é interessante no Antigo Testamento que ambos parecem ter sido removidos desta terra de maneiras muito incomuns.

No versículo 6 do capítulo 11, observe que diz, esses homens, essas duas testemunhas, têm o poder de fechar o céu para que não chova durante o tempo em que estiverem profetizando. Fazer com que não chovesse ou fechar o céu para que não chovesse foi um dos milagres realizados por Elias. Mas então observe a seguir, diz, e eles têm o poder de transformar as águas em sangue e de ferir a terra com todo tipo de praga quantas vezes quiserem, que é exatamente o que Moisés fez no livro do Êxodo, lembrando o Êxodo. pragas.

Assim, o modelo principal para estas duas testemunhas são provavelmente as figuras de Moisés e Elias do Antigo Testamento. Mas, curiosamente, observe que não é que um deles faça os milagres de Elias e o outro faça os milagres de Moisés. Ambos são Elias e Moisés.

Então, João está interessado em dizer que um deles é Moisés e o outro é Elias. Ambos realizam o milagre de fechar o céu para que não chova. E ambos são capazes de transformar a água em sangue e atingir a terra com pragas.

Assim, ambos realizam as obras de Moisés e Elias, não um ou outro. É interessante, também, que ao chamá-los de profetas, tanto Elias como Moisés tiveram funções proféticas e ministérios proféticos no Antigo Testamento, como estas duas testemunhas fazem aqui. Agora, mais uma vez, precisamos perguntar quem são essas testemunhas. Algumas pessoas estão convencidas de que na verdade são Moisés e Elias voltando à vida durante esse período.

Muitas vezes isto está associado a um tempo no futuro, mesmo antes da vinda de Cristo durante este período final da vida na terra durante esse período de tempo. Na verdade, alguns tentaram associar as duas testemunhas a figuras históricas do primeiro século, sendo comum que uma fosse Paulo e a outra fosse Pedro. E isso descreve seu ministério.

Isso é possível. Mas, mais uma vez, penso que talvez devêssemos olhar para os dois indivíduos como simbólicos e talvez não simbólicos de dois indivíduos precisos ou para serem identificados como dois indivíduos exatos. Mas seguindo uma série de comentários, eu concordaria que os dois indivíduos simbolizam toda a igreja que testemunha.

Olhando para toda a igreja durante este período de tempo, começando no primeiro século até a volta de Cristo. Veremos no final do capítulo 11 e com o sétimo selo no capítulo 11 também que até que Cristo volte, esta é uma visão ou imagem simbólica da igreja no seu testemunho fiel e no seu papel profético no mundo. E, novamente, não devemos considerar isso como os dois.

Alguns sugeriram que estas duas testemunhas fazem parte da igreja. Provavelmente, as duas testemunhas simbolizam toda a igreja na sua função profética, uma vez que se destina a prestar o seu testemunho fiel no mundo face à perseguição e oposição. Agora, algumas das razões para concluir isso são, em primeiro lugar, por serem chamadas testemunhas de Deus no versículo 3, por saírem pelo mundo e testemunharem, esta é exatamente a mesma tarefa que se esperava que a igreja realizasse nos capítulos anteriores. 2 e 3. E assim, uma das questões nos capítulos 2 e 3 era que a igreja, pelo menos algumas das igrejas, estavam comprometendo o seu testemunho fiel ao comprometerem-se com o domínio romano pagão.

As duas igrejas que eram fiéis estavam na verdade sofrendo por causa do seu testemunho fiel e da sua recusa em fazer concessões. Portanto, fomos apresentados à noção de testemunho já no capítulo 1. Foi isso que Jesus fez. Jesus foi a testemunha fiel.

Antipas é uma testemunha fiel no capítulo 3 que morre por sua fé. João agora está testemunhando essas coisas que viu. As igrejas dos capítulos 2 e 3 destinam-se a realizar um testemunho fiel de Jesus Cristo no mundo, face à oposição e à perseguição.

Mas o problema era que muitas das igrejas nos capítulos 2 e 3 tinham se comprometido tanto com o mundo pagão que corriam o risco de perder completamente o seu testemunho, caso ainda não o tivessem feito. A segunda coisa a notar é que estas duas testemunhas neste texto são identificadas no versículo 4 como os dois candelabros. Na verdade, o autor usa a linguagem do capítulo 4 de Zacarias para identificá-los como duas oliveiras.

Mas eles também são identificados com os dois candelabros de Zacarias 4 e do templo. Outra indicação do uso de imagens do templo para aplicação na igreja são os dois candelabros. Mas ao identificá-los com dois candelabros, uma das chaves para entender isso é voltar ao capítulo 1 no versículo 20 onde os candelabros que Cristo andou no meio, os candelabros de ouro, foram identificados como as sete igrejas.

E assim, identificando essas duas testemunhas, perguntaremos por que duas em apenas um momento, mas identificando essas duas testemunhas como dois candelabros, dado o que vimos até agora no versículo 20 e a identificação nos capítulos 2 e 3 das igrejas como candelabros, deveríamos então entender estas duas testemunhas como simbolizando toda a igreja no seu ministério profético, mas também no seu testemunho. Assim, o tema do testemunho, bem como o facto de João já ter identificado os candelabros como igrejas no capítulo 1, penso eu, leva-nos à conclusão de que estas duas testemunhas simbolizam toda a igreja que testemunha. E novamente, quando eles fazem isso, isso não está se referindo apenas a algum período no futuro, mas está se referindo, presumo, ao entendimento de João sobre o que a igreja deveria estar fazendo começando em seus próprios dias até que Cristo voltasse para consumir a história. e recompensar e vindicar seu povo.

No meio disso, a igreja deve funcionar como uma testemunha fiel, mesmo face à hostilidade e à perseguição mordaz. Agora, se for esse o caso, a próxima pergunta é: bem, por que o número dois? Por que apenas duas testemunhas? Se João não pretende ser literal, por que não sete, dez ou algum número assim? Provavelmente existem pelo menos duas possibilidades e podem não ser exclusivas. Em primeiro lugar, novamente, voltar ao Antigo Testamento, de acordo com o livro de Deuteronômio, para que um caso dê certo, para que um testemunho dê certo no tribunal, de acordo com o livro de Deuteronômio, são necessários dois ou três testemunhas.

E então isso se encaixaria perfeitamente. Quanto ao tema do testemunho, a igreja sendo uma testemunha, João remonta ao Antigo Testamento e baseia-se neste

conceito em Deuteronômio, agora visualizando duas testemunhas com base na estipulação em Deuteronômio de que deve haver duas ou três testemunhas. Uma segunda possibilidade é quando você volta aos capítulos dois e três, apenas duas igrejas foram fiéis em seu testemunho.

E vimos que os outros cinco estavam comprometendo até certo ponto. Apenas duas das igrejas, Esmirna e Filadélfia, foram elogiadas pelo seu testemunho fiel face ao sofrimento. Isto também pode fornecer o modelo para John; em outras palavras, essas duas igrejas foram o modelo do que a igreja deveria ser de um testemunho fiel e intransigente no mundo.

Portanto, ambos juntos provavelmente poderiam explicar por que João retrata as testemunhas como apenas duas. Além disso, quando fazemos a pergunta sobre qual é o relacionamento entre as duas testemunhas e o templo no capítulo 11, versículos um e dois, o templo que foi medido, provavelmente estes, como vimos João fazer várias vezes, estes são simplesmente duas perspectivas diferentes ou duas maneiras diferentes de ver a mesma coisa. Essa é a igreja preservada, mas sujeita a perseguição.

A igreja é um templo preservado por Deus no qual Deus habita, mas também está sujeito a perseguições. Agora, estou olhando para a igreja de uma perspectiva diferente, do ponto de vista do seu testemunho fiel. E observe a outra conexão também.

Há também uma conexão e um relacionamento com o templo. Em um e dois, a igreja é claramente simbolizada por um templo, mas o fato de ser identificada com um candelabro de Zacarias 4, que é uma visão do templo de Deus. Zacarias 4 é uma das passagens do Antigo Testamento que estão por trás do capítulo 11 de Apocalipse, e as duas testemunhas ao identificá-las com oliveiras e os dois candelabros sugerem uma conexão em termos de templo.

Portanto, as imagens do templo não terminam no versículo dois. Continua com a descrição das duas testemunhas pelo uso do candelabro do capítulo 4 de Zacarias. Assim, nos versículos um e dois, eles são vistos da perspectiva do templo e das igrejas, e agora são vistos nos versículos três e seguintes, da perspectiva de uma igreja que testemunha fielmente. Uma indicação do que eles fazem já se encontra no versículo três.

E antes de fazerem qualquer coisa, João os descreve como vestidos de saco. Isto poderia sugerir a noção de arrependimento, mas também poderia sugerir a ideia de luto por causa do julgamento. Portanto, as duas testemunhas já indicam o que é e qual o papel principal, pelo menos no capítulo 11, que vão desempenhar.

E essa será uma mensagem ou um ministério que realmente resultará em julgamento. E, de fato, é isso que encontramos nos versículos quatro e seis. As duas testemunhas que simbolizam a igreja iniciam então o seu ministério ou são descritas como testemunhas e, curiosamente, o que acontece nos versículos cinco e seis é que elas não parecem ter sucesso no que diz respeito ao evangelismo.

E não é que não o façam; é só que esse não é o ponto de Paulo. O objetivo de João é demonstrar, como dissemos, como é a igreja ou qual é a base teológica. Como a igreja e seu testemunho de sofrimento se relacionam com o que aconteceu nos capítulos oito e nove e com os julgamentos das trombetas? Estes capítulos descrevem isso com mais detalhes. Portanto, agora os julgamentos das trombetas nos capítulos oito e nove estão relacionados com o testemunho sofrido da igreja.

Essa é a razão pela qual Deus derrama seu julgamento sobre a humanidade nos capítulos oito e nove é por causa da rejeição da igreja fiel que testemunha e até mesmo da perseguição e até da morte da igreja fiel. Então observe no versículo cinco, se alguém tentar prejudicá-los, fogo sairá de sua boca e devorará seus inimigos. Versículo seis, como já vimos, estes homens têm o poder de fechar o céu para que não chova.

E eles têm o poder de transformar a água em sangue, principalmente isso, e atingir a terra com qualquer praga que quiserem, o que parece remontar aos capítulos oito e nove. Portanto, a ideia aqui não é tanto que devamos interpretar isso literalmente e que haverá um período de tempo em que não haverá chuva. Mas, novamente, o autor está lembrando textos do Antigo Testamento.

Ele quer que você se lembre do ministério de Elias e Moisés e veja agora que a igreja que testemunha no capítulo 11 está desempenhando um papel semelhante. E assim o julgamento dos capítulos oito e nove é claramente uma resposta à rejeição do testemunho fiel destas duas testemunhas nos capítulos cinco e seis. Agora dissemos que aparentemente, nos versículos quatro e seis, as testemunhas estão desimpedidas e sem oposição em seu testemunho.

E diz que qualquer pessoa que tentar prejudicá-los estará na verdade sujeita às pragas. Capítulos oito e nove. No entanto, a partir do versículo sete, a cena muda abruptamente.

Em sete, o testemunho parece ter acabado, e uma besta sai do abismo, capaz de se opor a eles e matá-los. Agora, aqui estão algumas coisas sobre esta fera. Veremos que esta cena de uma besta saindo do abismo e matando-os, esta breve menção da besta fazendo isso será desvendada com mais detalhes em Apocalipse 12 e 13, onde uma besta sai do mar para perseguir e prejudicar o povo de Deus.

Portanto, os capítulos 12 e 13 irão expandir com mais detalhes o versículo sete. Mas há algumas coisas sobre a besta e o abismo que veremos com mais detalhes nos capítulos 12 e 13. O abismo, ou começando com a besta, a besta na verdade tem uma longa história na literatura apocalíptica judaica, mas no próprio Antigo Testamento, a besta é uma figura demoníaca, uma figura maligna frequentemente associada ao opressor, usando o Antigo Testamento para se referir a governantes opressores ou nações opressoras que se opõem a Deus e são idólatras e oprimem e prejudicam o povo de Deus.

Portanto, esta imagem de uma besta já chega a João com uma história de uso, interpretação e identificação com governantes malignos e impérios malignos que oprimem e prejudicam o povo de Deus. E agora João usa a besta novamente, provavelmente para se referir a outro império opressivo, ímpio e idólatra. E para a sua época, esse teria sido o Império Romano.

Já fomos apresentados ao abismo no capítulo nove, onde essas figuras de gafanhotos saem do abismo. O abismo também tem uma história de significado e uso que carrega consigo no uso que João lhe dá. E isto é, a besta era vista como o lar ou a prisão de seres demoníacos malignos.

Assim, ao lerem sobre uma besta que sai do abismo, os leitores agora reconhecem a verdadeira fonte de sua perseguição. E isto é, nada menos do que o mesmo espírito, o mesmo espírito anti-Deus, o mesmo espírito opressivo, maligno e demoníaco que inspirou outros governos e nações e pessoas e governantes a prejudicar o povo de Deus e a se opor ao povo de Deus está agora agindo novamente opor-se ao povo de Deus na igreja do primeiro século, na forma do primeiro século, pelo menos na forma do Império Romano. E veremos mais sobre isso.

Voltaremos a isso nos capítulos 12 e 13. Mas então, de forma intrigante, aparentemente, a besta obtém uma vitória, de modo que, como dissemos nos versículos quatro e seis, as duas testemunhas parecem ser invencíveis, mas agora a besta vence a vitória. vitória para que as duas testemunhas pareçam vulneráveis. A maneira de encarar isso, penso eu, é que é tentador ler isso como um relato cronológico ou uma história sequencial dessas duas testemunhas.

Ou seja, antes de mais nada, haverá um período em que eles terão sucesso e depois serão invencíveis. E então haverá um período de tempo, um breve período de tempo em que eles estarão realmente vulneráveis. Em vez disso, penso que não deveríamos encarar isto com uma literalidade estrita no que diz respeito a uma sequência de acontecimentos ou a uma progressão temporal.

Em vez disso, gosto do que Richard Bauckham disse sobre isso. Um estudioso britânico disse que provavelmente a melhor maneira de interpretar o capítulo 11 é vê-lo não como uma previsão de uma série de eventos na vida da igreja, mas sim

como uma parábola sobre o que a igreja deveria estar fazendo. Isto é, em vez de ver a igreja como tendo um período de sucesso e depois vulnerável, é melhor ler isto como mais uma vez ver a igreja a partir de duas perspectivas diferentes.

Por um lado, a igreja será protegida e até invencível, enquanto, por outro lado, ainda estará sujeita a perseguições pelas mãos do mundo. Por um lado, será protegido e invencível. Por outro lado, ainda é vulnerável ao ataque e à perseguição do Império Romano e de outras nações ímpias.

Então, acho que Bauckham pode estar certo. Esse tipo de função é como uma parábola sobre o que é verdade na igreja. Como a igreja mantém seu testemunho fiel? Como ele conduz seu mundo? Será invencível e cumprirá o seu testemunho.

Ao mesmo tempo, também será vulnerável à perseguição e à morte. A resposta às duas testemunhas que foram condenadas à morte é dupla. Em primeiro lugar, o texto diz-nos que eles deixam os seus corpos insepultos.

No primeiro século, seria um sinal de extrema desonra ou vergonha não enterrar o corpo. Então, isso é apenas um tipo de insulto após insulto. Então, teria sido um grande insulto deixar os seus corpos nas ruas.

Não tanto uma coisa grotesca, mais uma vez, mas um insulto. A cidade onde ficam expostos e insepultos é chamada de Grande Cidade. Na verdade, é chamado de várias coisas.

Em primeiro lugar, é chamada de Grande Cidade. Um termo que em outros lugares é aplicado a Babilônia, e quando chegarmos a esse termo em outros lugares, especialmente nos capítulos 17 e 18, demonstraremos que Babilônia, neste caso, era provavelmente um código para a cidade de Roma. Mas no capítulo 16, versículo 19 de Apocalipse, no capítulo 17, versículo 18, nos capítulos 18, versículo 10, e 16, e 18, e 19, e versículo 21, todos do capítulo 18, encontramos referências à Grande Cidade em referência à Babilônia, que provavelmente deve ser equiparada a Roma.

Contudo, a cidade aqui também parece ser a cidade de Jerusalém, já que, no versículo 8, é descrita como o lugar onde nosso Senhor foi crucificado. E além disso, é identificado como Sodoma e Egito. Então, o que parece estar acontecendo é como se o autor estivesse combinando todas essas cidades em uma grande cidade em oposição a Deus, e que se opõe e oprime o povo de Deus, de modo que você quase tem uma cidade transtemporal, uma que agora está encarnado em Roma, mas foi encarnado em outras grandes cidades, como Egito e Sodoma.

E conhecemos a história do Egito como um império opressor, ímpio e idólatra, e de Sodoma como uma cidade equivalente ao mal, e até mesmo de Jerusalém, o lugar onde Jesus Cristo foi morto e crucificado por seu testemunho fiel, de modo que

agora todos aqueles são encarnados e encerrados em Roma. Mas isto também lhe permite aplicar-se além de Roma a qualquer outra cidade; isto é, esta cidade existe até a segunda vinda, e qualquer outra cidade que se preocupe em incorporar a rebelião, o mal, a idolatria e oprimir o povo de Deus se enquadra exatamente no que encontramos aqui. Mas agora, um símbolo que encontra o seu cumprimento, particularmente em Roma, mas onde quer que haja uma cidade rebelde e idólatra que rejeita Deus e persegue o seu povo.

Um comentário rotulou esta cidade como uma cidade mundial. Então, a primeira é que nesta cidade que perseguiu e matou o povo de Deus, deixam os corpos insepultos, um sinal de insulto e desonra, um sinal de vergonha. A segunda coisa que eles fazem é comemorar.

Eles dão uma festa e se alegram porque esses dois indivíduos lhes causaram tormento e danos. A referência aos três dias e meio em que eles jazem mortos antes de finalmente, nos versículos 11 e 12, serem ressuscitados, os três dias e meio provavelmente pretendem lembrar os três anos e meio, mas provavelmente também aproximadamente o período de tempo que o próprio Jesus Cristo permaneceu na sepultura até sua ressurreição. Agora, essas pessoas jazem mortas na rua por essas duas testemunhas por três dias e meio, levando então aos versículos 11 e 12, onde são levantadas diante do mundo inteiro e para que todos vejam.

A noção de ressurreição aqui é de vindicação. Então agora, nos versículos 11 e 12, é aqui que os santos são vindicados pelo seu testemunho de sofrimento. A avaliação que o mundo faz deles nos versículos anteriores do capítulo 11 é de rejeição, perseguição, morte e regozijo por causa de sua morte, e agora o veredicto é revertido em certo sentido, e essas duas testemunhas são ressuscitadas e são vindicadas. diante dos olhos do mundo observador.

Dada a natureza apocalíptica e simbólica do simbolismo aqui, não há necessidade de inventar formas modernas para o mundo inteiro ver estas três testemunhas, tais como televisão por satélite ou uma webcam ou algo parecido. Tudo isso foi sugerido, mas, novamente, o autor está trabalhando com simbolismo apocalíptico, e temos que nos lembrar o que os primeiros leitores teriam entendido quando leram isso, e eles não teriam noção de algumas de nossas tecnologias modernas. . Então a questão toda é que isto pretende simplesmente representar a sua reivindicação e, de facto, o texto que está por detrás disto, quando diz, durante três dias e meio eles ficaram nas ruas, e as pessoas olharam para eles, eles atiraram um festa, então no versículo 11, mas depois de três dias e meio um sopro de vida vindo de Deus entrou neles, e eles se levantaram.

Isto é quase literal; grande parte deste versículo vem diretamente de Ezequiel capítulo 37 e versículo 10, onde Israel experimentou a morte por causa do exílio, e agora Deus promete um dia em que seu fôlego entrará neles e eles se levantarão. A

imagem dos ossos secos agora se junta e ele se levanta. Agora, essa linguagem é utilizada para se aplicar às testemunhas que são inocentadas.

A besta os matou. O mundo se regozijou com eles. O veredicto do mundo foi que tinham sido derrotados e o seu testemunho parecia ter sido em vão.

Agora, Deus os justifica, ressuscitando-os e dando-lhes vida, mostrando que o seu testemunho fiel, na verdade, não foi em vão. Na verdade, demonstrarei mais tarde que este texto se desenvolve com mais detalhes em Apocalipse 20 e 4-6 na conhecida passagem do Reino Milenar. Após a subida ao céu nos versículos 13 e 14, especialmente no versículo 13, encontramos esta cena interessante onde, após a ressurreição, agora encontramos um terremoto, e um décimo desta grande cidade desaba.

Curiosamente, a resposta é que, embora pelo menos um décimo da cidade tenha desabado e 7.000 pessoas que viviam na cidade tenham morrido devido ao terremoto, o resto delas ficou aterrorizada ou temerosa e deu glória a Deus no céu. Agora, tem havido muito debate sobre exatamente como devemos entender essa resposta. Em outros lugares, esta linguagem às vezes é usada no contexto de uma resposta de conversão.

Assim, alguns sugeririam que aqueles que não foram condenados à morte são na verdade convertidos. Eles dão glória a Deus. Foi exatamente isso que as pessoas se recusaram a fazer anteriormente, nos capítulos 8 e 9, em resposta, por exemplo, aos julgamentos das trombetas.

Eles se recusaram a se arrepender. Eles se recusaram a dar glória a Deus. Agora, alguns dão glória a Deus.

Outros entendem isso simplesmente como um reconhecimento forçado da soberania de Deus, como se encontra em Filipenses 2, 9-11. Por exemplo, todo joelho será forçado a se curvar. Toda língua confessa que Jesus é o Senhor, algumas delas para a salvação.

Mas muitos entendem esse texto como uma homenagem forçada. Alguns interpretariam isso simplesmente como um reconhecimento da soberania de Deus, o que não é necessariamente um verdadeiro arrependimento ou uma verdadeira mudança. Talvez devêssemos entender isso, porém, que talvez devêssemos entender isso como ambos - e que algumas das respostas serão um reconhecimento forçado, mas que algumas delas devem ser entendidas como dar glória a Deus em termos de arrependimento real.

Agora, Richard Bauckham entende que esses indivíduos realmente se arrependem. Dar glória a Deus é na verdade um ato de arrependimento, mas eles o fazem em

resposta ao fiel testemunho sofredor da igreja. Em outras palavras, Richard Baucom diz que os capítulos 8 e 9 não trouxeram arrependimento.

Em outras palavras, o julgamento não traz arrependimento. O que? É o testemunho fiel da igreja que finalmente provocará o arrependimento das nações. A única dificuldade aqui é que a resposta de dar glória a Deus não vem em resposta ao testemunho fiel, mas vem em resposta ao terremoto e ao julgamento final.

Então, principalmente, o que temos no final aqui é que mesmo em meio ao julgamento de Deus, alguns ainda respondem em arrependimento. Agora, o que quero ver a seguir é que no início do versículo 15, a trombeta final finalmente será tocada. Começaremos a próxima seção examinando a sétima trombeta.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu ensino sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 16 sobre Apocalipse 11, o Templo e as Duas Testemunhas.